

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
ANÁLISE DO DISCURSO**



PAPEL DA MEMÓRIA

Pêcheux, 1983

PROF. DR. ATILIO BUTTURI JUNIOR

[informações bibliográficas]

Editado pela Pontes, em 1989.

Sessão temática “Papel da Memória e Linguística”, publicação das Atas da Mesa Redonda Linguagem e Sociedade, realizada na Escola Normal Superior em abril de 2013.

Comenta falas anteriores: Pierre Achard, Jean Davallon e Jean-Louis Durand

Memória: «[...] abordar as condições
(mecanismos, processos...)
nas quais um acontecimento histórico
(um elemento histórico descontínuo e exterior)
é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna,
no espaço potencial de coerência próprio de uma
memória» (p.49-50, grifos meus)

Memória: não psicologista (individual)

Memória: inscrita em práticas; construída (do historiador)

Dificuldade:

Campo da Linguística até as disciplinas de «interpretação»
[chave de Pêcheux]

Ordem: «da língua e da discursividade» (p.50)

Fragilidade | Tensão Contraditória

na inscrição do acontecimento na memória:

- 1) O acontecimento escapa à inscrição;**
- 2) O acontecimento absorvido pela memória como se não tivesse acontecido (p.50)**

Negociação:

«entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória» (p.51)

Tensão: no jogo entre o VISÍVEL E O ENUNCIÁVEL

Exemplo: IMAGEM: operador de memórias sociais, que tem um «programa de leitura» inscrito em si

IMAGEM COMO DIAGRAMA

MEMÓRIA:

- estruturação de uma materialidade discursiva complexa
 - contém uma dialética de repetição e de regulação [Achard]
- Regularização produz LEI DO LEGÍVEL**

MEMÓRIA DISCURSIVA:

**«face a um texto que surge como acontecimento a ler,
vem restabelecer os ‘implícitos’**

**(quer dizer, tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados
e relatados, discursos-tranversos, etc.)**

**de que sua leitura necessita: a condição do legível
em relação ao próprio legível» (p.52, grifos meus)**

QUESTÃO:
Onde estão os implícitos?
São um registro oculto?
Estão no fundo de uma gaveta?

Cita Pierre Achard: o discurso implícito nunca é explicitamente dado.
A regularidade do implícito: também discursiva e
«pode ruir sob o acontecimento discursivo novo» (p.52)

[[[Exemplo: Lula: de que memória discursiva vamos dispor?
A memória discursiva também é um
jogo no passado, não um dado.
É sempre uma reenunciação do passado a partir do presente.
Então, é dupla:
é o solo de onde se enuncia no presente;
é o solo sempre a ruir pelo acontecimento do presente]]]

FUNDAMENTAL:

«[...] o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa 'regularização' e produzir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira [...]; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior» (p.52)

JOGO DE FORÇAS

- 1. um jogo de estabilização parafrástica de regularização dos implícitos; geralmente marcado pela identidade material(«efeito material», lexical**
- 2. um jogo de forças do acontecimento que desregula e «perturba» a rede constituída dos implícitos; que toma a suposta regularidade e a transforma por «efeitos de metáfora»**

Efeitos de Opacidade: mesmo x metáfora

Implícitos não podem mais ser «reconstruídos»

Questão: INTERPRETAÇÃO, INCONTORNÁVEL

Comenta Auroux: discussão de Pêcheux e Milner
(colega de Beauzée, Vidal-Naquet é colega de Tucídides?)
**acerca do «estatuto da linguística frente
às disciplinas de interpretação
[história até psicanálise]» (p.54)**

**Pergunta: há um momento
em que aparece alguém que é «o linguista»?
Isso corresponde: é experimental ou de interpretação
o saber linguístico?**

Pergunta:

Por que a AD não se voltava para os **gestos de designação** mas ficava nos designata?

Imagem encontra AD: não mais transparente, «opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória 'perdeu' o trajeto de leitura» (p.55)

Dois exemplos: 1. Vercingétorix num avião a jato

2. Barco soviético no Báltico (TV)

«o retorno de um acontecimento sem profundidade» (p.55)

Outro problema: Barthes (nem linguista, nem semiólogo, nem analista)

, em «**O Prazer do Texto**»: significância

«**O texto é sempre uma enunciação,**

não se deixa capturar em enunciado

O texto de fruição é absolutamente intransitivo.

No entanto, a perversão não basta para definir a fruição;

é o extremo da perversão que a define: extremo sempre deslocado,

extremo vazio, móvel, imprevisível» (p.88)

«A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que a memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessário um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos e de regularizações... Um espaço de desdobramento, réplicas, polêmicas e contra-discursos» (p.56)

**Memória: não é um frasco transcendental, sem exterior (nota de Paul Veyne, «pantextualismo»)
| memória e remissão necessária
ao «real histórico» (p.56)**